

## **AGRICULTURA E MÃO DE OBRA FAMILIAR EM UMA COMUNIDADE DA BAIXADA CUIABANA, MT, BRASIL**

Gisele Soares dias Duarte<sup>1</sup>  
Karina Gondolo Gonçalves<sup>1</sup>  
Maria Corette Pasa<sup>2</sup>

**RESUMO:** A pesquisa foi realizada em uma comunidade rural, conhecida como Conceição Açu, localizada no município de Cuiabá, região centro-sul do Estado de Mato Grosso. O objetivo deste trabalho foi interpretar as relações existentes entre a população e seu ambiente, integrados no contexto sociocultural e ambiental, relacionadas ao uso, manejo e conservação dos recursos vegetais nas atividades da agricultura familiar pelos moradores locais. A metodologia abordou aspectos qualitativos utilizando como técnicas o trabalho de campo e a observação direta. A metodologia foi conduzida da seguinte forma: aplicação das entrevistas semiestruturadas, diário de campo e coleta do material botânico nos 21 pontos de coleta amostrados, os quais representam todas as residências da comunidade de Conceição Açu. O uso das espécies vegetais pelos moradores revelou uma interação das pessoas com o ambiente, apontando para a relevância das roças e das matas de galeria no sentido de estoque de recursos naturais renováveis. A atividade de agricultura familiar exercida na região é de pouco impacto ambiental favorecendo, dessa forma, a conservação e a gestão das unidades produtivas locais.

**Palavras-chave:** Agricultura familiar; Agrobiodiversidade; Unidades de Paisagem

## **AGRICULTURE AND LABOUR IN A FAMILY COMMUNITY BAIXADA CUIABANA, MT, BRAZIL**

**ABSTRACT:** The research was conducted in a rural community, known as Açu Conceição, located in the city of Cuiabá the south-central region of the state of Mato Grosso. The objective of this study was to interpret the relationships between people and their environment, integrated into the socio-cultural and environmental context, related to the use, management and conservation of plant resources in family agriculture by local residents. The methodology discussed qualitative aspects using techniques such as field work and direct observation. The methodology was conducted as follows: application of semi-structured interviews, field diary and collection of botanical material in 21 points sampled collection, which represents all residences in the Conception Acu community. The use of plant species by the residents revealed an interaction between people and the environment, pointing to the relevance of the gardens and gallery forests towards stock of renewable natural resources. The activity exerted family farming in the region is of little environmental impact favoring thus the conservation and management of local production units.

**Keywords:** Family agriculture; Agrobiodiversity; landscape units

## INTRODUÇÃO

A agricultura familiar pode ser definida como toda aquela unidade de terra que tem na agricultura sua principal fonte de renda e que tem como base da força de trabalho empregada os membros da família. O emprego de terceiros temporariamente é permitido, quando a atividade agrícola assim necessitar, mas no caso de contratação de mão-de-obra permanente externo à família, a mão-de-obra familiar deve ser igual ou superior a 75% do total utilizado no estabelecimento rural (BITTENCOURT; BIANCHINI, 1996).

No Brasil, segundo Altafin (2007), é fundamental considerar o estudo realizado em convênio entre Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO) e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). De acordo com o estudo realizado, a agricultura familiar é definida a partir de três características principais: a gestão da unidade produtiva e os investimentos nela realizados são feitos por indivíduos que mantém entre si laços de sangue ou casamento; a maior parte do trabalho é igualmente fornecida pelos membros da família; a propriedade dos meios de produção (embora nem sempre da terra) pertence à família e é em seu interior que se realiza sua transmissão em caso de falecimento ou aposentadoria dos responsáveis pela unidade produtiva.

Para definir agricultura familiar no Brasil também se deve levar em consideração a Lei 11.326, de 24 de julho de 2006, a qual estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Assim, para efeitos dessa lei, em seu Artigo 3º considera-se agricultor familiar e empreendedor familiar rural “[...] aquele que pratica atividades no meio rural, atendendo, simultaneamente, aos seguintes requisitos: I - não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha renda familiar predominantemente originada de atividades econômicas vinculadas ao próprio estabelecimento ou empreendimento; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família.” (BRASIL, 2006).

Um ponto a ser destacado na agricultura familiar decorre da própria natureza da produção familiar que é a diversificação da sua produção. Apesar de essa diversificação ter sua origem no caráter de subsistência da produção familiar, atualmente é uma consciente estratégia de redução de riscos e incerteza (BUAINAIN et al., 2003). Para Ferrari et al. (2005) “a multiplicidade de atividades no interior de uma mesma propriedade confere um diferencial de competitividade proporcionado pelo sinergismo econômico e ecológico dos sistemas diversificados”.

Os agricultores familiares são importantes mantenedores da agrobiodiversidade nos sistemas agrícolas. A região conhecida como Baixada Cuiabana é uma das poucas regiões que ainda mantém as antigas características de comunidades de agricultores de subsistência, que ocupam secularmente áreas de sesmarias e apresentam comunidades tradicionais de pequenos agricultores que mantém expressa a diversidade de mandioca entre outros cultivos.

Porém o futuro de muitos desses sistemas tradicionais de cultivos está incerto. O avanço do cultivo mecanizado de larga escala, por um lado, e a influência da sociedade industrial-urbana e integração com o mercado, por outro lado, tem levado a consequências que os afetam profundamente, colocando em risco os locais de manutenção da diversidade agrícola mantida pela agricultura familiar (AMOROSO, 2008).

É visível o papel dos povos tradicionais e seu saber local, esses desempenham exploração dos ambientes no dia-a-dia praticando diversas formas de manejo de maneira que possam usufruir dos recursos naturais enquanto meio de sustentação destes povos.

Para o presente estudo destaca-se a importância da participação da comunidade

local no desenvolvimento da pesquisa que permeará o desenvolvimento dos objetivos através da demonstração do conhecimento que possuem sobre a natureza que os rodeia, a qual é expressa pela força cultural e familiar das diversas etnias que compõe esta comunidade.

Assim, a proposta de pesquisa fundamenta-se em caracterizar as diferentes técnicas executadas por homens e mulheres, moradores locais na agricultura familiar representados pelo potencial do cultivo e uso das espécies vegetais descrevendo as interações entre o ser humano com o ambiente sob o ponto de vista cultural, ambiental e social relacionadas ao uso, manejo e conservação dos recursos vegetais nas atividades da agricultura e mão de obra familiar na comunidade rural da Baixada Cuiabana.

## **METODOLOGIA**

### **Caracterização da Área de Estudo**

No Estado do Mato Grosso na região denominada Baixada Cuiabana, próximo ao município de Cuiabá localiza-se um complexo ecológico, denominado regionalmente de Bambá. Trata-se de uma área rural onde vive uma população, etnicamente descendente de negros, índios e brancos e que convivem em estreita relação com as plantas e os animais.

O local compõe-se de um complexo visual onde as unidades de paisagem são representadas pelas matas de galeria, rios, córregos, riachos e campo cerrado. A integração dos fatores biótico e abiótico, expressa a complexidade ecológica na qual a população constrói e reconstrói o seu cotidiano envolvido por uma dinâmica de produção dos meios de sobrevivência caracterizados pela coleta, caça, pesca e agricultura de subsistência.

A área localiza-se na microrregião MRH-335 denominada de Baixada Cuiabana (noroeste mato-grossense) delimitada pelas coordenadas 15° 30' e 15° 40' S e 55° 35' e 55° 50' W (RADAMBRASIL, 1982) e na Mesorregião – Centro Sul Mato-grossense (MIRANDA; AMORIM, 2001). A população local pertence à comunidade de Conceição Açu, nome originário de um dos rios que compõe a micro bacia pertencente à região.

O Rio Aricá Açu representa o curso principal da micro-bacia de mesmo nome. Ele banha as áreas pertencentes à região de Conceição Açu, na sua margem esquerda e a região do Vale do Aricá na sua margem direita. Segundo Köppen, domina na área de estudo o clima pertencente ao grupo A (Clima Tropical Chuvoso). O tipo climático é predominantemente o Aw, caracterizado por ser um clima quente e úmido com duas estações definidas, uma estação chuvosa e uma estação seca que coincide com o inverno.

### **Estratégia da Pesquisa**

O percurso metodológico envolveu uma abordagem qualitativa do tipo descritiva.

A identificação dos ecossistemas agrofloretais, em sua predominância, e as especificidades das atividades em mata de galeria, de uma população detentora de saberes e práticas referentes ao processo de conservação das espécies vegetais, onde as atitudes e valores que a permeiam, as relações sociais e econômicas e a razão das lutas, principalmente pela sobrevivência e do destino histórico dos indivíduos promovem os elementos organizativos do cenário ecológico e social em questão. Buscou-se definir a situação dos moradores da região, quanto a sua forma de organização e inserção dentro de uma sociedade a nível regional e das atividades que envolvem a agricultura familiar na

comunidade local.

A análise das atividades florestais em mata de galeria e da agricultura de subsistência focadas sob a ótica biossocial permite caracterizá-la como uma dimensão da atividade humana que aponta ligações e interações dentro do sistema social, cultural, econômico e ambiental de uma sociedade. Procura-se buscar essas interações, na medida do possível, entre o sistema social maior e o contexto da população regional.

## **Procedimentos Metodológicos**

Dentre as técnicas de trabalho de campo que conduziram metodologicamente a fundamentação da pesquisa, utilizou-se a observação direta. Para alcançar trabalhou-se o lado da interioridade como forma de ganhar um aporte estrutural dentro da comunidade. A interioridade foi alcançada pelo processo de indicação, ou seja, alguns depoentes bem conhecidos na comunidade percorreram algumas residências dos moradores apresentando o pesquisador aos novos informantes. Assim, a estratégia metodológica proporcionou a aplicação das entrevistas, a coleta de informações e do material botânico nos 21 pontos de coleta amostrados, os quais representam todas as residências da comunidade de Conceição Açu.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A comunidade de Conceição Açu pertence à região de mesmo nome e associada às comunidades próximas como Pantanalzinho, Bom Jardim, Bom Jesus e Olho D'água formam a região do Bambá. A área de estudo é caracterizada como uma área eminentemente rural e ao mesmo tempo ribeirinha com influência fluvial sazonal ou permanente tendo como base da arquitetura paisagística natural a mata de galeria.

A área na qual habita a comunidade de Conceição Açu é representada por uma diversidade de ecossistemas que se completam e se integram nas dinâmicas ecológicas locais percebidas imediatamente pelas diferentes unidades de paisagens: o da mata de galeria, o da várzea (alagada temporariamente durante o ano) e o da terra firme (campo cerrado), nos quais se observa uma diferenciação de formações florística e vegetacional, consequentes de fatores relacionados à interação entre os elementos solo-planta-organismos-microorganismos.

Na mata de galeria, para se entender a dinâmica que a mantém, que a renova, que a modifica, faz-se necessário considerá-la como um ecossistema, do qual as árvores constituem apenas um entre outros elementos que a caracterizam, onde os moradores do local, através das atividades do seu cotidiano, expressam a importância ecológica existente entre o ser humano e os componentes desse ambiente.

Para a população local as matas de galeria além de representar um espaço onde se desenvolve seu trabalho e sua fonte de subsistência, representa, também, um espaço mítico que abriga certas lendas e crenças. Simbolicamente relatam fatos de que espíritos de índios que habitaram essas matas são verdadeiros guardiãs e mencionam diferentes formas de representação espiritual e material em relação ao uso exploratório dos recursos naturais. São marcantes e conscientes as noções que possuem do respeito e da conservação das espécies vegetais e animais nas matas de galeria.

Os depoentes apontam para a valorização de suas propriedades pela quantidade e qualidade da água que corre em suas terras influenciando a vegetação e a sua própria vida nesse local. Relatam, ainda, que os espíritos orientam suas decisões sobre os recursos usados, extraídos ou manejados na mata “... *no caso da pessoa não obedecê a voz maior e cometê abuso, ela receberá muitas pena como forma de castigo*” (Sr. J. B. F. 78 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT. 2002). As penalizações, segundo seus relatos, variam desde dores de cabeça até a “disgracera” completa, isto é, tudo que se faz nada dá certo. Então se perguntou: o que fazer quando isso acontece? “*a pessoa tem que repará o erro, se arrepende e aceita até que o castigo termine... ela pode trabalha mas não pode nunca mais errá senão não tem mais jeito... tem que saí prá outro lugá e recomeçá outra vez*” (Sr. J. B. F. 78 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT. 2002).

A relação de coexistência entre os habitantes da Comunidade de Conceição Açu e as matas de galeria da região transcende o caráter econômico que é altamente determinante, para sua sobrevivência, para alcançar o caráter social e cultural; mágico e religioso. Entendem a mata como vida e, como vida, precisam mantê-la e renova-la para que essa fonte de vida não se esgote no presente e no futuro.

Em algumas das pequenas propriedades não possuem automóveis e nem energia elétrica. A estrutura de suas moradias varia desde coberturas de babaçu até de alvenaria e possuem, em média, três quartos, uma sala e uma cozinha. Quase todas as propriedades da região possuem área nos fundos e na parte da frente da casa. Os móveis, em geral, são simples e rústicos. A maioria possui geladeira, fogão a gás e televisão. O rádio é o mais popular dos aparelhos eletrônicos, todas as pessoas possuem pelo menos um. Poucas famílias possuem telefone rural. Quando precisam comunicar-se por causa de alguma emergência recorrem às propriedades próximas que possuem o aparelho de telefone. As pessoas não só emprestam o aparelho como também transmitem os recados telefônicos com satisfação. É grande o sentimento de solidariedade entre as pessoas locais.

Na comunidade de Conceição Açu a parte mais característica, para o observador, é a massa de pequenos proprietários e agregados, quase sempre nivelados pelos recursos econômicos e pela semelhança das atividades e dos caracteres comuns ao estilo de vida, vivem em solidariedade.

Nessa conjuntura de “progresso” capitalista e social podem-se observar duas categorias principais de fatos: os de persistência e os de alteração. Os de persistência perduram, no presente, o equipamento cultural (ou parte dele) e das formas sociais, estabelecendo na medida do possível, continuidade entre as sucessivas etapas do processo de transformação social. Os segundos, em menor quantidade, incorporados ou gerados no grupo local visam o reajuste funcional, ora oriundos pelas variações de equilíbrio e fatores de alterações que se avultam até motivarem um rearranjo (ou reorganização) de ordem estrutural. Portanto, a dinâmica do equilíbrio social na região tem como base essas duas categorias que configura a pirâmide social.

Mediante tal circunstância foi possível uma análise dos elementos que permitem considerar a situação atual da população pesquisada como sendo de crise nas formas de organização, nos meios de subsistência (ou autossuficiência) e nas concepções do mundo atual influenciadas pelo meio social circundante, sob a força da urbanização. Nessas condições as reações podem variar desde a possível alteração dos padrões tradicionais, como também a possibilidade de desaparecimento paulatino ou, a possibilidade de sua permanência.

Pode-se perceber que a predominância da população humana adulta na região de Conceição Açu é de 55% e é demonstrada através da diversidade das atividades de trabalho referentes às formas de produção existentes na região. Estatisticamente, entre esses adultos ativos no sistema de produção, a predominância assinala para o sexo masculino, conforme

está representado na Tabela 1, bem como a possível influência na arquitetura paisagística das unidades espaciais, uma vez que as atividades femininas apresentam algum grau de diferença das atividades masculinas. Ainda, interpretando a Tabela 1 pode-se observar que do total das famílias entrevistadas 30% dessas não possuem nenhum filho na propriedade, o que representa o real enfraquecimento da força de trabalho familiar nas unidades de produção que responde pela subsistência das famílias. Outro dado que merece destaque é que do total das famílias (24) entrevistadas três famílias são constituídas apenas pelo casal (12,5%) e em uma propriedade existe apenas uma pessoa no comando que é do sexo feminino. Fato semelhante acontece em outra propriedade em que o comando fica com o sexo masculino.

**TABELA 1. Número total de pessoas por família e sexo. Comunidade de Conceição Açu. Município de Cuiabá. Mato Grosso. 2002.**

Famílias	Número de Pessoas	Mulher	Homem	Número de Filhos	
				na casa	fora da casa
1	5	2	3	(3)	(0)
2	4	2	2	(2)	(2)
3	5	1	4	(2)	(0)
4	2	1	1	(0)	(0)
5	2	1	1	(0)	(0)
6	3	2	1	(1)	(0)
7	4	1	3	(2)	(0)
8	5	2	3	(3)	(2)
9	3	2	1	(1)	(0)
10	2	1	1	(0)	(2)
11	4	3	1	(2)	(0)
12	1	1	0	(0)	(2)
13	4	2	2	(2)	(0)
14	1	0	1	(0)	(2)
15	3	1	2	(1)	(0)
16	5	3	2	(1)	(1)
17	2	0	2	(0)	(0)
18	4	3	1	(0)	(1)
19	5	2	3	(3)	(0)
20	4	1	3	(2)	(0)
21	4	2	2	(2)	(0)
22	4	1	3	(1)	(1)
23	5	2	3	(2)	(1)
24	5	2	3	(3)	(0)
<b>TOTAL</b>	<b>86</b>	<b>38</b>	<b>48</b>	<b>33</b>	<b>13</b>

Em termos estatísticos o número de crianças e jovens é relativamente baixo (45%) sendo que a média é de dois filhos por família. O número de filhos por família variou de um à três (Tabela 2). Esses números são baixos quando se pesa o poder de transmissão dos

conhecimentos às novas gerações, o que poderá colaborar com a erosão cultural da população da região devido à falta de transmissão dos etnoconhecimentos locais.

Conforme a Tabela 2 o percentual referente às crianças consideradas na faixa etária de 0 – 14 anos de idade é de 23%. O percentual de jovens considerados na faixa etária de 14 – 25 anos de idade, é de 15%. Portanto, é real a presente afirmação dos entrevistados quando referem o enfraquecimento da mão-de-obra familiar nos trabalhos da agricultura na região de Conceição Açu. Assim, em se tratando de subsistência, enquanto produção familiar, a incorporação das crianças e dos jovens no processo produtivo não ocorre na comunidade local. Também, é quase nula a participação da criança e do jovem em outras atividades rurais como tarefas relacionadas ao extrativismo vegetal e animal na região.

Alguns depoentes referem ter aumentado a sua jornada de trabalho nas atividades de agricultura pelo fato dos filhos casados continuarem a morar junto com os pais. Com isto aumentou as despesas do consumo familiar e para manter o equilíbrio, é preciso aumentar o estoque dos produtos de consumo alimentar principalmente, e conseqüentemente aumentar também a força da mão-de-obra familiar através do aumento da jornada de trabalho nas roças.

Interrogados sobre quantas horas dispensam diariamente ao trabalho, a maioria respondeu que vão à roça de uma a duas vezes ao dia. Depende muito da distância das roças, quando ficam mais longe da casa vamos uma vez ao dia, quando próximas vamos mais de uma vez, depende muito do tipo de trabalho a ser realizado e também se a época é das águas ou da seca. Em média, trabalham de duas a três horas em cada período, num total de quatro a seis horas de trabalho por dia.

Na Tabela 2, que é uma derivação da Tabela 1, pode-se perceber que o número médio de pessoas por família é de aproximadamente quatro. A possibilidade dos filhos menores de quatorze anos de idade ingressar a força da mão-de-obra familiar é de 0,8 o qual parece um número pouco expressivo para qualquer expectativa que diz respeito ao trabalho rural. E para agravar um pouco mais, a expectativa de reforço da mão de obra familiar dos filhos maiores de quatorze anos é de 0,5.

A expectativa para esta faixa etária é quase insignificante para se pensar em grandes produções agrícolas na região. A significância da mão de obra na agricultura de subsistência, específico para esta região, se dá através do trabalho de homens e mulheres adultos que alcançam valores maiores (1,1) que os jovens e crianças. Poderíamos dizer que esse valor não é alto se comparado com outras regiões do Brasil (Brandenburg, 1999), mas para o caso de Conceição Açu o poder das atividades agrícolas de subsistência ainda permanece com as pessoas tidas como tradicionais ou persistentes na presente comunidade.

Esses últimos dados são preocupantes porque ameaçam declaradamente a conservação dos recursos naturais e todo um conhecimento cultural até então preservados pelas pessoas que ainda fazem uso dos conhecimentos tradicionais na região.

Acredita-se que enquanto essas pessoas deterem a sua autonomia de trabalho e a posse de suas propriedades, os recursos naturais ainda permanecerão moldados conforme a forma que lhe deram ao longo desses anos de convivência e sabedoria, manejando e remodelando os espaços geográficos baseados na cultura e na ciência.

Sendo a vida rural o modo de conviver diretamente com a natureza, os agricultores rurais constroem um modo de vida particular que lhes dá uma identidade. Contudo, o ator social rural não se realiza exclusivamente através dessa e nessa dimensão.

O complemento de sua realização encontra-se além da agricultura familiar, situando-se no âmbito das relações com a natureza, com os parentes e com pessoas dentro e fora da comunidade local.

É na sua relação com o sistema e considerando os seus recursos internos à unidade produtiva que as famílias organizam sua produção, onde o elemento que organiza

tecnicamente a produção é a mão-de-obra encontrada na família, enquanto força produtiva de trabalho.

TABELA 2. A força da mão de obra familiar. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002.

<b>Famílias</b>	<b>Total</b>	<b>Homem</b>	<b>Mulher</b>	<b>Criança de 0–14 Anos</b>	<b>Jovem de 14–25 Anos</b>	<b>Total de Crianças e Jovens</b>
1	5	1	1	1(m)	2(m)	3
2	4	1	1	2(f)	0	2
3	5	2	1	2(m)	0	2
4	2	1	1	0	0	0
5	2	1	1	0	0	0
6	3	1	1	1(f)	0	1
7	4	1	1	0	2	2
8	5	1	1	2(m)	1(m)	3
9	3	1	1	0	1(f)	1
10	2	1	1	0	0	0
11	4	1	1	1(m)	1(f)	2
12	1	0	1	0	0	0
13	4	1	1	2(m)	0	0
14	1	1	0	0	0	0
15	3	1	1	1(f)	0	1
16	5	1	3	0	1(f)	1
17	2	2	0	0	0	0
18	4	2	2	0	0	0
19	5	1	1	3(f)	0	3
20	4	1	1	1(m)	1(m)	2
21	4	1	1	2(f)	0	2
22	4	1	2	0	1(f)	1
23	5	2	1	1(m)	1(f)	2
24	5	1	1	1(f)	2(m)	3
<b>MÉDIA</b>	<b>3,5</b>	<b>1,1</b>	<b>1,1</b>	<b>0,8</b>	<b>0,5</b>	<b>1,5</b>

(f) feminino      (m) masculino

É a partir da força do trabalho que as famílias rurais de Conceição Açu estruturam funcionalmente a organização e a dinâmica do caráter produtivo da agricultura familiar levando-se em consideração as especificidades regionais, através da diversificação dos cultivos (Tabela 3).

A força do trabalho da agricultura local tem, na sua maioria, a unidade de produção baseada na mão-de-obra familiar. Esta mão-de-obra inclui o pai, a mãe e os filhos, basicamente. Em poucas propriedades da região a figura do agregado se faz presente em associação ao trabalho familiar. É comum a participação de parentes e vizinhos como forma de ajuda aos trabalhos e que se caracterizam como “mutirões”, principalmente em épocas de pico de trabalho. Nesse, não existe o pagamento pelo trabalho desempenhado, pois é encarado como uma forma de solidariedade entre as pessoas locais através de uma mão-de-obra temporária.

A relação de solidariedade entre moradores locais é traçada pela participação em trabalhos de mútua ajuda, solucionando problemas de mão-de-obra, suprimindo as

limitações da atividade individual ou familiar. Não se considera como um ato de piedade ou de socorro, é antes, um gesto de amizade, cooperação, beneficiamento coletivo sobre o produto em questão. Esta modalidade de “parceria de trabalho” é comum em todos os setores das atividades que envolvem o cotidiano dos moradores locais e é denominado de “mutirão”. Esse tipo de acordo entre pessoas que vivem em constante cooperação é ressaltado por Cândido (1987):

*...”na sociedade caipira a sua manifestação mais importante é o mutirão e D’Alincourt (1818) encontrou-a arraigada e corrente, entre Jundiá e Campinas, “ [ . . . ] numa casa, em que, nesta ocasião havia um grande número de pessoas, de ambos os sexos; por ser costume juntarem-se muitos para o trabalho, a que chamam muchiron, na linguagem indiana; e assim passam de umas a outras casas, à medida que vão findando as tarefas”.*

TABELA 3. Atividades, principais culturas nas roças e presença ou ausência de equipamento agrícola. Comunidade de Conceição Açu. Cuiabá, MT. 2002.

Propriedades	Principais Produtos Agrícolas nas Roças	Equipamento Agrícola	Outras Atividades
1	<b>milho, mandioca, feijão, mamão, banana, cana-de-açúcar</b>	<b>Não possui</b>	<b>Leite</b>
2	<b>milho, cana-de-açúcar, mandioca</b>	<b>Tratores</b>	<b>Pecuária</b>
3	<b>Abacaxi, mandioca, laranja, limão</b>	<b>Não possui</b>	-
4	<b>mandioca, mamão, banana, cana-de-açúcar</b>	<b>Não possui</b>	-
5	<b>cana-de-açúcar, mandioca</b>	<b>Tratores</b>	<b>Laticínios</b>
6	<b>milho, cana-de-açúcar, mandioca, banana, melancia</b>	<b>Não possui</b>	-
7	<b>banana, mandioca, mamão, melancia, batata doce</b>	<b>Não possui</b>	-
8	<b>Mandioca, banana, melancia, batata-doce, mamão</b>	<b>Não possui</b>	-
9	<b>Cana-de-açúcar, banana, mamão, mandioca</b>	<b>Não possui</b>	<b>Leite</b>
10	<b>Cana-de-açúcar, banana, mamão, mandioca</b>	<b>Não possui</b>	-
11	<b>Cana-de-açúcar, banana, mamão, mandioca</b>	<b>Não possui</b>	-
12	<b>Cana-de-açúcar, banana, mamão, mandioca</b>	<b>Não possui</b>	-
13	<b>Cana-de-açúcar, banana, mamão,</b>	<b>Não possui</b>	-

	<b>mandioca</b>		
14	<b>Pepino japonês, mandioca, mamão, feijão</b>	<b>Não possui</b>	<b>-</b>
15	<b>Mamão, mandioca, banana, arroz,</b>	<b>Não possui</b>	<b>-</b>
16	<b>Cana-de-açúcar, mamão, mandioca</b>	<b>Trator</b>	<b>Pecuária</b>
17	<b>Cana-de-açúcar, mandioca, mamão, banana</b>	<b>Trator</b>	<b>Pecuária</b>
18	<b>Cana-de-açúcar, mandioca, melancia</b>	<b>Trator</b>	<b>Leite</b>
19	<b>Cana-de-açúcar, mandioca, melancia</b>	<b>Trator</b>	<b>Leite</b>
20	<b>Banana, mandioca, melancia, mamão, feijão, arroz</b>	<b>Não possui</b>	<b>-</b>
21	<b>Cana-de-açúcar, mamão, banana, mandioca</b>	<b>Tratores</b>	<b>Pecuária</b>

À organização espacial da região muito se deve às características ambientais e as relações sociais construídas e reconstruídas ao longo da história de ocupação e de trabalho vividas pelas pessoas desta localidade.

A formação dos espaços produtivos e reprodutivos bem como a ocupação do espaço geográfico denominado “roça”, estão montados sobre um cenário que levou décadas para emergir das bases da organização social, política e étnica na região.

Para a formação das roças o primeiro passo se dava através do preparo do solo que acontece com a queimada. Sistemáticamente, essa prática sempre foi tradicional na região. Segundo o depoimento de um entrevistado “...a queimada não pode passar do dia 24 de agosto porque a partir de setembro a primavera sobe muito as roças e não deixa queimá a raiz... (Sr. A. M. G. 72 anos. Conceição Açu, Cuiabá.MT.2002).

Após a queimada o trabalho continua com a atividade do *enleirado* ou *enleiramento* que consiste em juntar e empilhar os troncos e galhos queimados que permanecem espalhados sobre a área após a queimada. A lenha empilhada nas roças é utilizada para o consumo doméstico ou, vendida para estabelecimentos comerciais como olarias para a fabricação de tijolos, telhas e cerâmicas, principalmente na cidade de Cuiabá. “...o comprador vem da cidade buscar a lenha aqui na roça” (Sr. J. da S. S. 67 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá.MT.2002).

O próximo passo é o “roçar”, que consiste na limpeza da terra através da utilização da enxada. Essa técnica consiste no “abaixamento” dos restos da vegetação que permanecem após a queimada. Assim, com o roçado termina o processo de preparação da terra, que antecede o plantio. Significa que a área da roça está pronta, ou seja, o tempo das chuvas está para começar e a terra está pronta para receber a semente.

Geralmente, o plantio do milho acontece em setembro e a colheita se dá em janeiro. As espécies preferenciais para o plantio, nessa região, era o caiama e o cateto paulista. É costume, entre as pessoas da região, referir a maturidade da plantação de milho pela evolução embrionária na qual se apresenta. Isso quer dizer “...dois meses no pendão, ... quatro meses na panela.... seis meses no paiol ou nas tuias...” (Sra. I.S.F. 58 anos. Comunidade de Conceição Açu, Cuiabá, MT.2002), assim não costumam referir o tempo da plantação do milho através de meses e sim pela condição na qual o produto se encontra. Como subproduto o fubá é acomodado na tuia que é um recipiente fabricado de madeira, semelhante a grandes caixotes e que servem para acomodar o estoque de alimento que será consumido ao longo do ano.

Em relação ao plantio do arroz dependia do local a ser plantado. Existiam, portanto, duas datas em função da ecologia local. Na região quando chovia muito e ocorria a formação de várzeas nesta era plantado o arroz em dezembro e a colheita acontecia entre

abril e maio. O arroz plantado em dezembro dava muito bem por causa da umidade que possui essas áreas alagadas e dezembro é o tempo das chuvas. Esta umidade é o fator principal para uma boa colheita porque mantendo a terra úmida favorece a *granagem*. Essa “granagem”, segundo informações dos moradores locais, é responsável pela formação e pelo cacheamento do grão do arroz. Antigamente, a espécie mais comum na região era o *mirandeiro*, isso pelos anos de 1945 a 1956. Mais tarde foi introduzido o tipo “agulhinha”, também muito bem aceito na região.

Em relação ao plantio do feijão, o preparo das roças seguia o mesmo sistema dos outros cultivos acima descritos. Entre as variedades, a preferência recaía, principalmente, sobre três espécies: o enxofre, manteiga e o branco. O plantio ocorria em março, independente da variedade escolhida. A colheita acontecia entre junho e julho. Após a colheita, o feijão era esparramado sobre uma grande colcha de pano, ali mesmo na roça. O produto permanecia exposto durante uns dois dias sob o sol, sendo remexido frequentemente para uma secagem uniforme. Durante esses dois dias que ficava esparramado, quando a tarde caía o feijão era amontoado novamente, permanecendo sob esta colcha para não sofrer a ação do sereno. No terceiro dia iniciava-se o processo chamado *bate o feijão*, ali mesmo na roça. Geralmente, quatro pessoas era o necessário para esta atividade. Cada indivíduo se posicionava em um lado, ou em um canto (ângulo) do pano. Se a quantidade plantada aumentasse de ano para ano, aumentava-se, também, o tamanho da colcha de pano, sempre nas suas extremidades porque era a forma mais prática e mais fácil de costurar a emenda do tecido.

Conforme o feijão ia se desprendendo da vagem, através do ritmo frequente das “batidas”, era imediatamente peneirado, ali mesmo na roça. Esse procedimento tinha por objetivo tornar o grão mais limpo livrando-o das impurezas como, terra, pedriscos, restos da vagem e ciscos. Depois de várias peneiradas o feijão estava limpo e pronto para ser transportado aos recipientes definitivos das residências, representando a cota anual para o consumo familiar. O excedente representava a cota destinada ao comércio.

Primeiramente aplicava-se um produto químico chamado “*jezarol*” em todo o estoque a ser armazenado. Esse “*jezarol*” agia sobre o produto protegendo-o contra o ataque dos possíveis predadores, principalmente do “*caruncho*”.

Após a aplicação do “*jezarol*” o feijão era, então, guardado em *tuias* de madeira ou em *tuias* de zinco, fabricadas ali mesmo na fazenda.

A técnica do armazenamento do feijão nas “*tuias*” de zinco apresentava um ritual que era respeitado pelos moradores da região e que, lhes assegurava uma boa qualidade do produto. A estratégia para a conservação do produto acontecia da seguinte forma: Inicialmente colocava-se um (1) *alqueire* (unidade de medida utilizada pelas pessoas da região) de feijão, sobrepondo-se um (1) *alqueire* de areia ou resto de vagem; outro *alqueire* de feijão, outro *alqueire* de areia ou resto de vagem... e assim, sucessivamente até encher a “*tuia*”.

Assim que a *tuia* estivesse cheia até a borda, cobria-se a mesma com uma tampa de zinco, vedando-a com breu. A condição para o sucesso no armazenamento e manutenção da qualidade do produto referia-se à ausência de umidade. O feijão deveria permanecer isento de qualquer grau de umidade, antes ou durante o processo de armazenamento.

Na face antero-inferior (ponto entre a face anterior e a parte inferior) da *tuia* de zinco, havia uma abertura que servia para o escoamento do produto à medida que ia sendo utilizado. Portanto, quando ocorria o deslizamento do produto pela abertura inferior, junto vinha a areia que era eliminada assim que o produto era lavado para ser consumido.

Dentro destes contextos geográfico, social e agrícola a população de Conceição Açu produzia para consumo familiar os seguintes produtos: arroz, feijão, milho, café, açúcar da cana, mandioca, batatinha, batata doce, caldo de cana, polvilho, canjica, broinha

(espécie de bolinho de milho assado no forno de barro), algodão, guaraná, tecido, rede e coberta, materiais agrícolas como cabo de enxada, de machado, de facão, de foice, bancos, mesas, cadeiras, estrados de camas, prateleiras. Alimentícios como o queijo, manteiga, doce de leite, geleias, frutos em calda (sobremesas de frutos da época), rapaduras de leite e remédios com o uso das plantas.

Nos anos de 1945 a 1958 quando plantavam algodão e cana de açúcar era comum utilização do *escaroçador*, (espécie de ferramenta feita de madeira) da cana e do algodão nas propriedades rurais. Esse facilitava a obtenção da matéria prima para a confecção de produtos como o açúcar e o tecido, respectivamente.

Apenas dois produtos de consumo os moradores da região eram impossibilitados de produzir: o sal e a querosene (líquido combustível, resultante da destilação do petróleo). Estes sempre eram obtidos através da compra ou troca de produtos de suas colheitas.

Voltar ao passado e descrever algumas características que definiram questões sobre meios de vida ligados ao aspecto social, econômico e ambiental dos anos 50 e que envolveram os cultivos em roças representa, para esses tradicionalistas, uma velha prática de reviver os fatos e os causos que ainda refletem as lembranças saudosistas dos tempos de antigamente.

O presente relato histórico é antes de mais nada a etnohistória da origem das roças em Conceição Açu onde as pessoas permanecem em seus devidos lugares, considerando o ambiente “natural” tanto um cenário quanto um produto das interações humanas ali existentes.

Entre as famílias que constitui a população de Conceição Açu detectou-se que 20% dessas, em média, moraram, antigamente, no alto da serra da Chapada dos Guimarães. Se comparado aos dias de hoje, praticavam a agricultura de subsistência mais intensamente. Plantavam o arroz, hoje praticamente extinto na região, o feijão, o milho, a mandioca, a melancia, a banana e o mamão. Permaneceram trabalhando nas roças da família, na residência de seus pais, muitos anos após o casamento. Somente mudaram de roça e de residência quando seus pais faleceram.

Este fato pode elucidar duas questões que merecem atenção especial. Inicialmente, conforme Werner (1992) nas sociedades ocidentais existe uma grande variação na composição dos lares. O registro antropológico mostra uma variabilidade ainda maior nas formas que a família pode tomar e na importância que as pessoas dão a seus parentes. Esta variabilidade atinge todos os níveis de relacionamento humano: formas de casamento, moradias, vizinhança, etc. Em populações rurais é comum, após o casamento, os filhos morarem na mesma casa com os pais do marido. Ou, em casa separada, mas na propriedade dos pais. Estas famílias quase sempre são numerosas e os pais sozinhos teriam dificuldades que se dedicar ao trabalho de plantio nas roças sem a ajuda dos filhos tanto na agricultura como nas atividades da casa.

Secundariamente, a questão se refere às recordações do tempo em que habitavam o alto da serra. Naquela época a Serra da Chapada dos Guimarães, a qual delimita a área de estudo, não era considerada como Área de Proteção Ambiental Estadual (Decreto N° 0537 de 27/11/1995). Portanto, os dias de hoje testemunham uma mudança significativa no comportamento e no espírito das pessoas. Atualmente, a população local tem consciência do valor que representa as áreas da região bem como valorizam as diferentes unidades de paisagem como matas de galeria, várzea e os rios, em termos de bem capital para o Estado e para as pessoas, bem como demonstra a devida consciência no sentido de conservação dos recursos naturais existentes na área.

Tendo conseguido elaborar formas de equilíbrio ecológico os trabalhadores rurais se apegaram a elas como expressão da sua própria razão de ser, enquanto tipo de cultura e sociabilidade. Em verdade, esse mecanismo de sobrevivência, pelo apego às formas

mínimas de ajustamento conservou a essência de sua cultura e a permanência dessa cultura é que lhes proporciona a sobrevivência biossocial.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A agricultura familiar na região do Aricá Açú em suas práticas produtivas baseadas nos conhecimentos empíricos vem utilizando a biodiversidade local em razoável equilíbrio entre a apropriação dos recursos e a manutenção da atividade produtiva. As roças e as matas de galeria são localizadas próximas uma da outra isso ocorre devido ao tamanho das áreas o que torna tudo muito próximo, presença da água e da sombra próximo da mata e o tempo que se gasta para se deslocar de casa até área de trabalho. Ainda as matas de galeria são consideradas fonte de grande diversidade e contos místicos representados pela população local.

A conservação da biodiversidade é expressa no cotidiano dos moradores locais, que se revela por meio de práticas tradicionais e conservacionistas. Esse conhecimento encontra-se articulado aos saberes tradicionais que possuem e utilizam no dia a dia. Considerando-se, assim, um processo de registro e de saberes locais acerca de seus ambientes vividos e construídos com o trabalho e lazer, o conhecimento que a população reflete do ambiente em que vive e convive destaca a complexidade dos ecossistemas locais. O conhecimento gerado por intermédio do resgate do saber popular deve ser valorizado por meio de ações que viabilizem e garantam o uso de recursos naturais pelas populações.

A avaliação desta experiência demonstrou que na agricultura familiar é conservado e reproduzido o que tem identidade com o saber local, com a cultura, seus usos e suas simbologias. A diversidade vegetal presente em cada propriedade é resultado de seleção constante. Por isso essa biodiversidade é fortemente relacionada e dependente do conhecimento local.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALTAFIN, I. **Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar**. Brasília: CDS/UnB, 2007.
- BITTENCOURT, G. A.; BIANCHINI, V. **A agricultura familiar na região sul do Brasil – Quilombo – Santa Catarina: um estudo de caso**. Consultoria UTF/036-FAO/INCRA, 1996.
- BUAINAIN, et al. **Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural**. Sociologias. Porto Alegre. v.10, p. 312-347, 2003.
- BRANDENBURG, A. **Agricultura Familiar: ONGs e Desenvolvimento Sustentável**. Curitiba. Ed. Da UFPR. p. 325. 1999.
- BRASIL, Lei 11.326, de 24 de Julho de 2006. Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. **Diário Oficial da União**. Brasília dia 25/07/2006.
- CÂNDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. São Paulo: Duas Cidades. 284p. 1987.

FERRARI, D. L. et al. Agricultores familiares, exclusão e desafios para inserção econômica na produção de leite em Santa Catarina. **Informações Econômicas**. São Paulo. v. 35, n. 1, p. 22-36, 2005.

MOSCA VP, LOIOLA MIB. Uso popular de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. **Revista Caatinga**. 2009;22(4):225-34.

MIRANDA, L.; AMORIM, L. **Mato Grosso: atlas geográfico**. Cuiabá: Entrelinhas, 2001.

RAMDABRASIL. **Levantamento de Recursos Naturais**. Folha SD 21, Cuiabá. V.26. Brasília. MME/SG.544p. 1982.

WERNER, D. **Culturas Humanas**. 3<sup>a</sup> ed. Petrópolis, RJ. p: 109 – 127. 1992.